

# ILHA DIANA

## HISTÓRIAS E LENDAS

Miriam Lopes  
Lucas Mathias  
Isabella Callá

Ilustrações:  
Beatriz Campolim

Fotografia  
Miriam Lopes

Ilustração  
Beatriz Campolim

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lopes, Miriam

Ilha Diana : histórias e lendas / Miriam Lopes,  
Lucas Mathias, Isabella Callá ; ilustração Beatriz  
Campolim ; fotografia Miriam Lopes. --  
Santos, SP : Ed. dos Autores, 2026.

ISBN 978-65-978713-9-1

1. Comunidades - Santos (SP) 2. Ilha Diana -  
Santos (SP) - Aspectos sociais 3. Ilha Diana -  
Santos (SP) - História 4. Pesca artesanal -  
Ilha Diana - Santos (SP) - 5. Lendas - Ilha Diana -  
Santos (SP) I. Mathias, Lucas. II. Callá, Isabella.  
III. Campolim, Beatriz. IV. Título.

26-331246.0

CDD-639.2098161

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ilha Diana : Comunidade pesqueira : Santos :  
São Paulo : História 639.2098161

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

**Este livro foi realizado no âmbito do Projeto Valoriza Pesca do Instituto de Pesca/SAA-SP. O projeto foi coordenado pela pesquisadora Dra. Cristiane Rodrigues Pinheiro Neiva e financiado com recursos do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) resultante dos inquéritos civis 14.0703.0000028/2015-1 (MPS/P) e 1.34.012.000220/2015-55 (MPF). O Projeto Valoriza Pesca foi desenvolvido sem quaisquer interferências dos demais signatários do TAC na interpretação dos resultados ou na elaboração dos documentos técnico-científicos resultantes.**

# APRESENTAÇÃO

A escuta com atenção, interesse e empatia foi o principal eixo de atuação do projeto Valoriza Pesca. Durante dois anos estivemos na comunidade de Ilha Diana fazendo perguntas, criando diálogos e colhendo relatos sobre a cultura e as tradições da localidade. O Mapeamento Sociocultural, realizado pela Comunicação Social, teve como objetivo resgatar as origens, lendas e personagens que fizeram e fazem parte da comunidade da Ilha.

As trocas com as moradoras e os moradores mais antigos ou mais atuantes na comunidade indicaram que seria possível registrar algumas de suas memórias e falas.

Assim, nasceu o desejo de reunir, neste pequeno livro, as histórias e imagens da Ilha Diana, com a intenção de contribuir para preservar seu passado e destacar seu presente.

Este é um dos legados do Valoriza Pesca: memórias resgatadas e registradas!

# **AGRADECIMENTOS**

**Nosso agradecimento a todos e todas da comunidade  
de Ilha Diana, em especial aos que nos receberam e  
contaram suas histórias.**



# LOCALIZAÇÃO



A comunidade da Ilha Diana está localizada no Rio Diana, área continental de Santos. Seu acesso só é possível de barco, num trajeto de 20 minutos a partir do Centro de Santos.



A tradicional comunidade pesqueira reside no local desde a década de 1930, época em que a Base Aérea de Santos foi ampliada para a construção de uma pista de pouso. As famílias residentes na área da construção ocuparam a localidade. Ainda hoje, são poucos os habitantes: 69 famílias, 69 casas e cerca de 170 moradores. Ainda é possível ver as marcas da presença indígena na localidade, como na existência de sambaquis.



**DIZ A LENDA...**

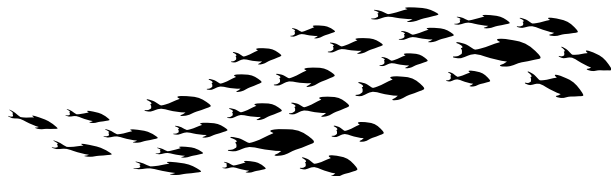


...que Diana, uma moça da região, mergulhava nas águas e se transformava em sereia. Assim, o rio ganhou o nome de Rio Diana e a ilha passou a ser conhecida da mesma forma.

# OS PRIMEIROS MORADORES



Seu Mauri



Alguns dos primeiros moradores e ainda muito lembrados por aqui, são Seu Mauri, pescador desde sempre, e Dona Dina, benzedeira de todos os quebrantos e das espinhelas caídas, como se denominam as dores nas costas e no peito. Infelizmente nenhum dos dois está mais aqui, porém, as histórias e lembranças de suas vidas permanecem entre os moradores.



Dona Dina

# UM PESCADOR QUE TOCAVA CAVAQUINHO

Mauri Martins da Silva, Seu Mauri ou tio Mauri, como era conhecido, aprendeu a pescar com o tio que o levava desde muito pequeno para a pescaria. Ele dormia na proa da canoa, enquanto seu tio jogava a tarrafa (rede de pesca circular com pequenos pesos em torno de toda a circunferência da rede).

Assim começou sua paixão pela pesca, que ele dizia estar no sangue — e que durou por toda a sua vida.



# **UM PESCADOR QUE TOCAVA CAVAQUINHO**

Seu filho Ivair conta que seu pai pescou até o último ano de vida. Seu Mauri nos deixou em agosto de 2023, aos 88 anos. Da pesca viveu e criou os sete filhos, dois deles também exerceram a atividade e um deles é pescador até hoje. É a paixão pela atividade que passa de pai para filho.

A pesca lhe trouxe muitas alegrias, desafios e fortaleceu sua fé. Ele sempre agradeceu e respeitou a natureza. Antes de sair para uma pescaria, molhava a mão na água e fazia o sinal da cruz. Era muito religioso.

Com tantos anos de pesca, ele tinha muitas histórias de dias bons e de dias ruins. A história que mais marcou o filho Ivair foi um incidente que poderia ter levado o pai à morte.

## UM PESCADOR QUE TOCAVA CAVAQUINHO

Seu Mauri contou aos filhos e à esposa que em uma madrugada, das tantas que retornava da pesca, atracou sua chatinha (pequena embarcação) no portinho e como havia capturado siris, foi amarrar um saco feito de rede para deixá-los ali na água, mas quando fez isso, escorregou e um de seus pés ficou preso no banco do barco e seu corpo foi arremessado para dentro da água.

A maré estava correndo para vazante e ele não conseguia se soltar, chegou a pensar que iria morrer, apesar da casa não ser muito longe dali, estava escuro, não tinha ninguém por perto, então, não iriam escutá-lo.



# **UM PESCADOR QUE TOCAVA CAVAQUINHO**

Seu Mauri, começou a rezar com muita fé, até que conseguiu, num esforço enorme, soltar o pé do banco. Ivair diz que seu pai sempre foi um homem de muita fé e, nesse dia, após conseguir se soltar, sentou-se no banco do barco e só agradeceu.

Ele sempre pescou sozinho, porém, aconselhava os filhos a não andarem só. Segundo ele, só ele podia, porque estava sempre com Deus! Assim foi em toda a sua vida na atividade que escolheu, na fé e no amor à família.

A pesca escolheu Seu Mauri e ele a representou com muito compromisso, mas esse não era o seu único talento, ele tocava cavaquinho com excelência, instrumento que aprendeu a tocar sozinho.

## **UMA BENZEDEIRA QUE PESCAVA**

Antônia Bittencourt de Souza, Dona Dina, uma das primeiras moradoras da Ilha Diana, conheceu o marido quando tinha 13 anos e aos 16 anos chegou à Ilha já casada, criou seis filhos adotivos com muito trabalho e amor.

Dona Dina e seu marido pescavam e também viviam da extração de mariscos, que juntos retiravam do mangue para vender.

Ela tinha um dom especial, o da cura pela reza. Dona Dina era benzeadeira que sabia tudo sobre as ervas e era procurada e respeitada por toda a comunidade.

## UMA BENZEDEIRA QUE PESCAVA

Nos tempos em que a cura estava ali pertinho, no quintal de casa, era Dona Dina quem resolvia e acalmava as dores do corpo e da alma das crianças, adultos e idosos da comunidade.

Ela partiu em 2011, com 94 anos de idade e até hoje é lembrada com muito carinho. Os relatos são de chás e muita reza para o mau-olhado. Muita gente na comunidade tem saudades do tempo em que a cura era simples e certa!





A ILHA



A comunidade é muito acolhedora e hoje conta com uma unidade de saúde, que funciona todos os dias, com médico três vezes por semana, uma escola de ensino fundamental, uma brinquedoteca, um centro comunitário e um campo de futebol.



**As casas coloridas e os barcos  
atracados se juntam à natureza  
dando um toque muito especial  
ao local.**





Tudo é muito recente!

A escola, o centro comunitário e a igreja recém construída. A nova igreja foi inaugurada em 2018, construída em três dias, por um mutirão de jovens da ONG Sonhar Acordado, o desenho do telhado é visto logo da porta de entrada e termina apontando para a cruz no altar.

É pequena, simples e muito charmosa.

A Ilha possui o TAUS (Termo de Autorização de Uso Sustentável) desde 2017, conquistado pelo líder comunitário Alexandre de Souza Lima, que também é presidente da Ong Vida Caiçara.

O TAUS reconhece o direito territorial dos povos tradicionais e garante a permanência da comunidade na Ilha Diana.



**“Morar e nascer na Ilha Diana foi muito bom, porque desde o início a gente já aprende a ser forte, a vida nos fortalece, pelas dificuldades que a gente tem! Ser líder comunitário aqui é buscar melhorias, mostrar para o governo o que eles deixam de fazer, o que devem e podem fazer! Eu brigo pelo meu povo, brigo para ter melhorias e qualidade de vida.”**

**Alexandre de Souza Lima**



A Ilha tem como padroeiro Bom Jesus de Iguape, devido as primeiras famílias de moradores serem naturais dessa cidade. A imagem do santo, que reside em Iguape, foi adquirida em Portugal por um senhor pernambucano. Dizem que durante a viagem de volta para o Brasil, sua embarcação foi afundada por piratas e a imagem foi encontrada na Praia do Una, em Peruíbe.

Conta a lenda que, durante o transporte da imagem para Itanhaém, ela adquiriu um peso incomum que só diminuiu quando o santo foi virado para o lado de Iguape. Dessa forma, os pescadores conduziram a imagem para essa cidade e assim ficou, Bom Jesus de Iguape, por vontade do próprio santo!



A festa do padroeiro, no mês de agosto, é a mais importante da Ilha, atrai muitos turistas e é em volta da igreja que a comemoração acontece.

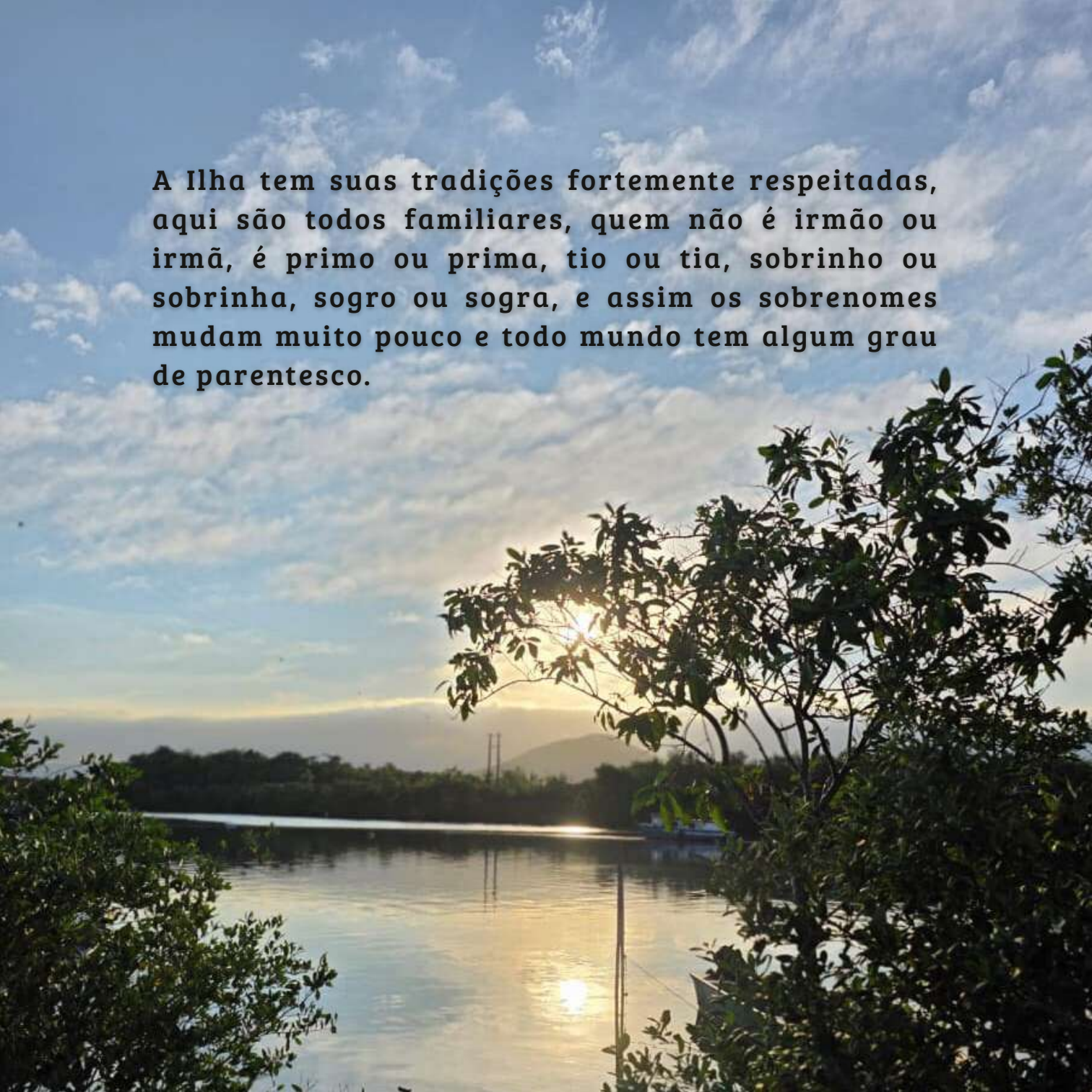


Para morar na ilha você precisa se casar com algum morador ou moradora. Não é possível simplesmente chegar, comprar uma casa e pronto!

Para conhecer a Ilha Diana, é possível visitar para um passeio, uma pescaria, um belo almoço, um delicioso café ou para ver o pôr do sol.



**A Ilha tem suas tradições fortemente respeitadas, aqui são todos familiares, quem não é irmão ou irmã, é primo ou prima, tio ou tia, sobrinho ou sobrinha, sogro ou sogra, e assim os sobrenomes mudam muito pouco e todo mundo tem algum grau de parentesco.**



# A PESCA



**Os conhecimentos dos moradores da Ilha Diana que vivem da pesca são vastos. É uma comunidade ativa de pescadores e pescadoras.**

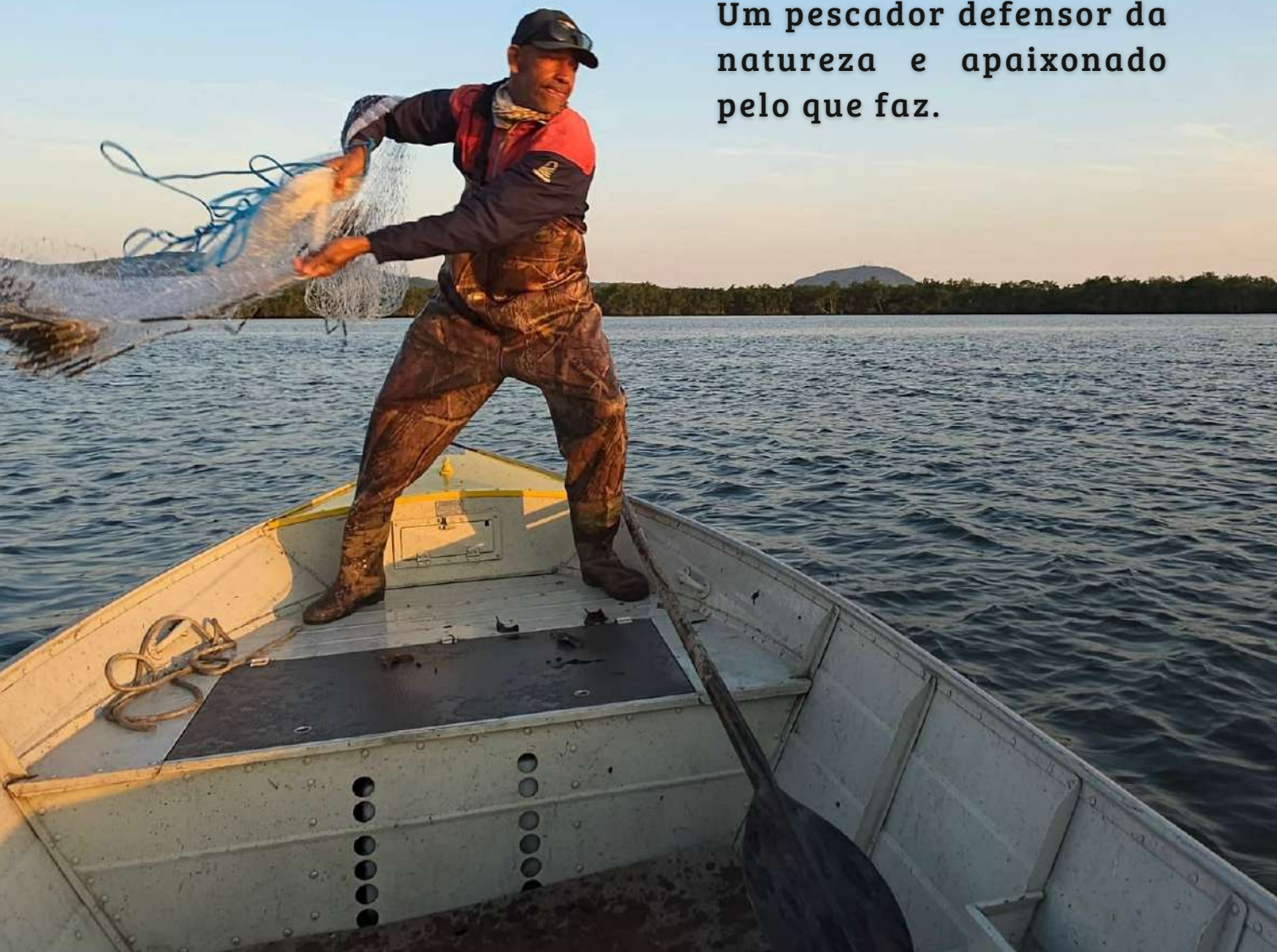
**A pesca é a principal atividade local, abrangendo uma variedade de técnicas e espécies capturadas.**

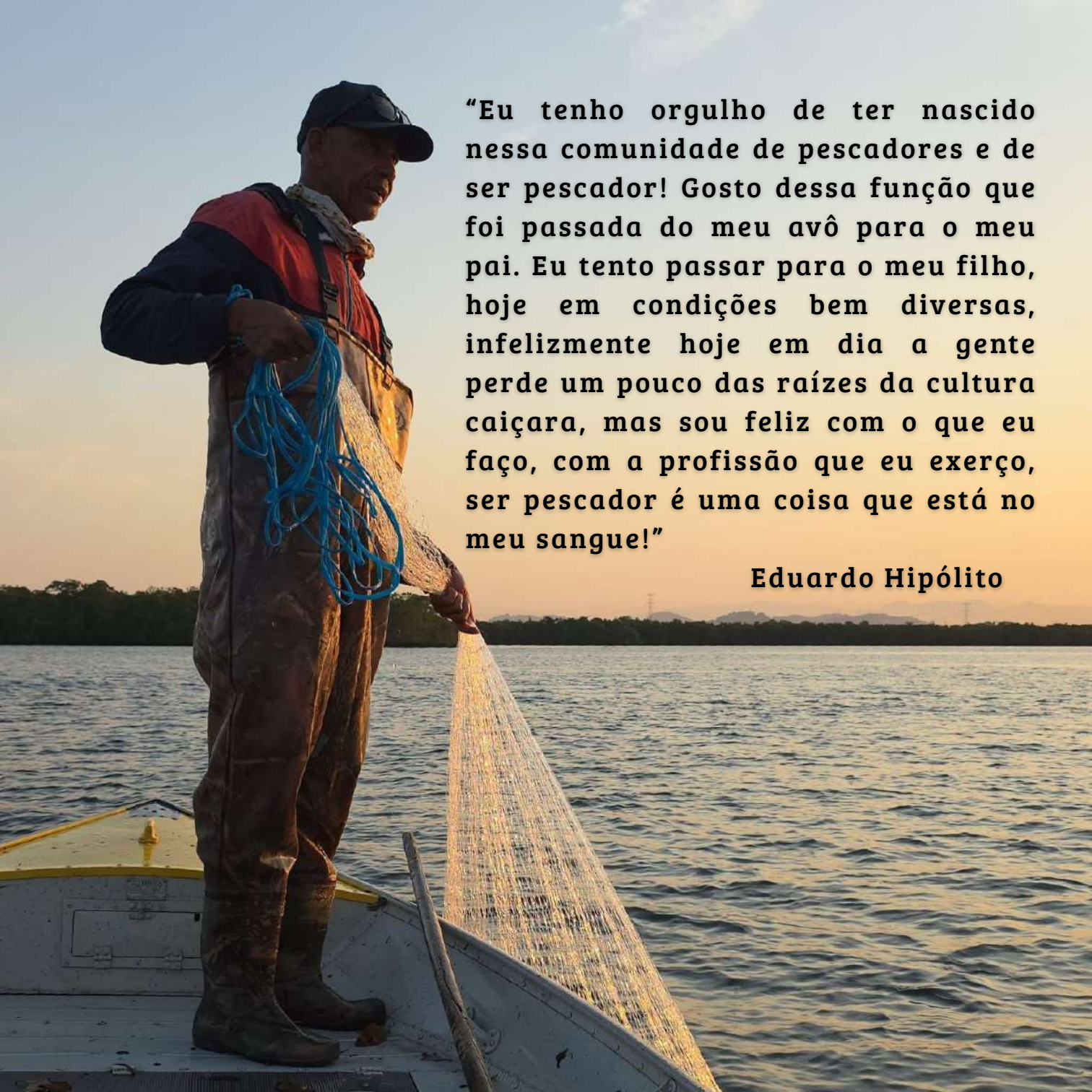
**As mulheres desempenham um papel fundamental na captura, no beneficiamento e também na preparação dos pescados.**



**Eduardo Hipólito, conhecido como Chocolate, é um pescador artesanal nativo da ilha, profundamente ligado à sua terra e ao mar.**

**Um pescador defensor da natureza e apaixonado pelo que faz.**





**“Eu tenho orgulho de ter nascido  
nessa comunidade de pescadores e de  
ser pescador! Gosto dessa função que  
foi passada do meu avô para o meu  
pai. Eu tento passar para o meu filho,  
hoje em condições bem diversas,  
infelizmente hoje em dia a gente  
perde um pouco das raízes da cultura  
caiçara, mas sou feliz com o que eu  
faço, com a profissão que eu exerço,  
ser pescador é uma coisa que está no  
meu sangue!”**

**Eduardo Hipólito**

# GASTRONOMIA E TURISMO



Na gastronomia local estão pratos tradicionais da cozinha caiçara.

O Bar e Restaurante Chilico recebe os turistas que chegam dos passeios e das pescarias ansiosos para desfrutar não apenas da comida, mas também da paisagem. Os pratos mais pedidos são o peixe frito com molho de camarão e o camarão frito.



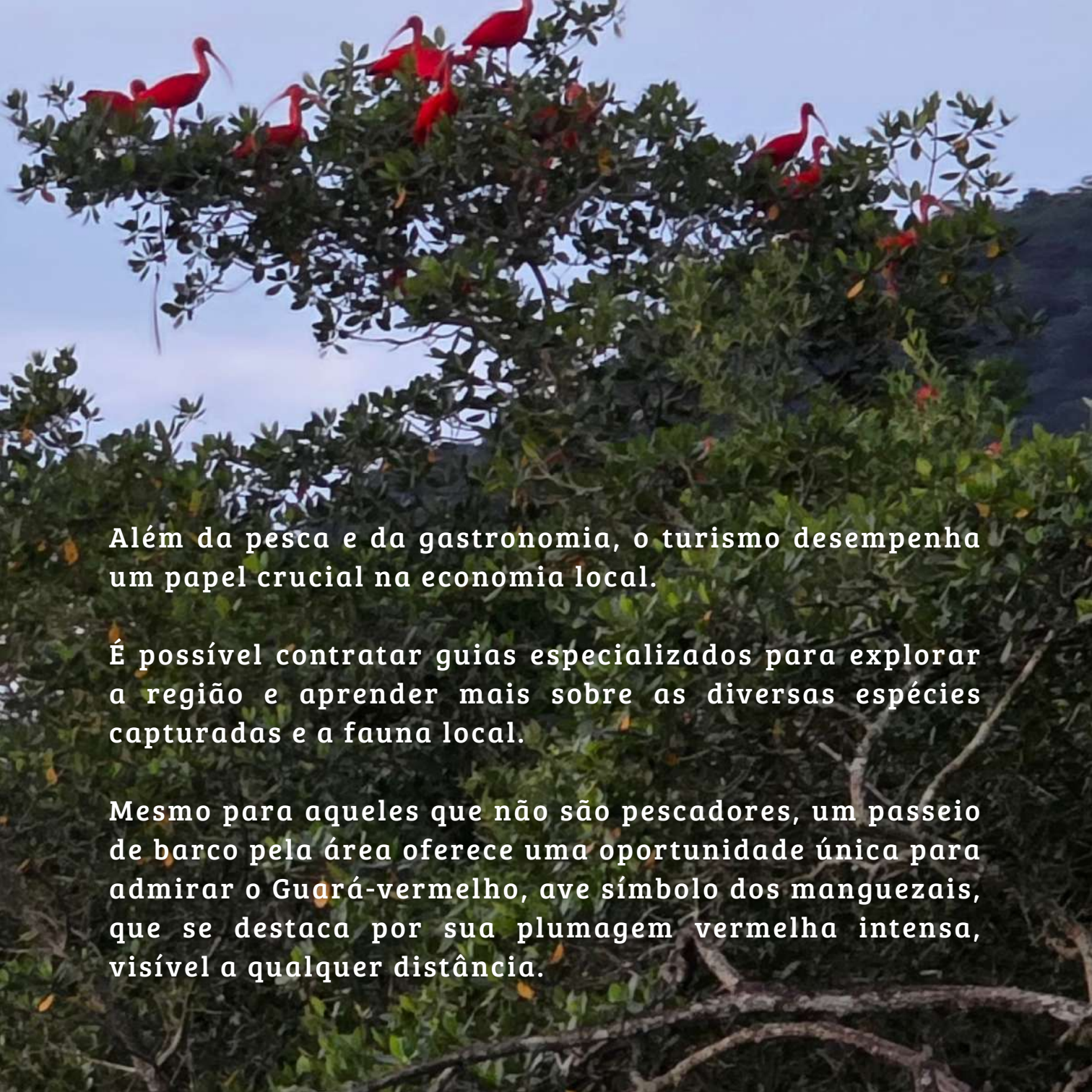
O Cantinho da Zazá é outro local acolhedor com uma culinária excepcional, como o azul marinho, feito na panela de ferro com peixe e banana verde; e o arroz lambe-lambe, feito com mariscos. Ambos se destacam pela riqueza de sabores regionais.





O Sabor Caiçara recebe grupos para passeios, cafés e almoços deliciosos, sempre preparados com muito cuidado.

A tainha assada na brasa é a grande estrela da Festa do Bom Jesus de Iguape da Ilha Diana — que acontece no mês de agosto —, e vem acompanhada de uma farofa de comer rezando! Ela acompanha a tainha na festa, mas é possível comê-la o ano inteiro, acompanhando qualquer prato. Não precisa esperar a festa, pois a farofa é uma festa!



Além da pesca e da gastronomia, o turismo desempenha um papel crucial na economia local.

É possível contratar guias especializados para explorar a região e aprender mais sobre as diversas espécies capturadas e a fauna local.

Mesmo para aqueles que não são pescadores, um passeio de barco pela área oferece uma oportunidade única para admirar o Guará-vermelho, ave símbolo dos manguezais, que se destaca por sua plumagem vermelha intensa, visível a qualquer distância.



**AS LENDAS**

Diz a lenda...

que um cachorro enorme andava por cima das águas e assustava e afugentava os pescadores. Os mais antigos diziam que era um lobo branco que corria pelas águas e pelo capinzal.



“Pescadores contavam que quando saiam para pescar bem cedo, sempre viam um cachorro andando por cima da água.”

Diz a lenda...

que o homem de chapéu parecia ser um padre,  
mas nunca ninguém viu seu rosto, pois todo  
mundo que o encontrava corria, e muito.

“As pessoas da comunidade viam um homem de  
chapéu grande que não era desse mundo. De  
noite viam um vulto e ouviam barulhos no  
telhado, onde hoje fica a escola.”



Diz a lenda...  
que uma luz verde aparecia  
quando os pescadores saiam à  
noite.

“Os pescadores relatavam  
que, ao saírem para pescar à  
noite, uma luz verde surgia,  
e ia seguindo as pessoas,  
aumentando e diminuindo de  
tamanho.”



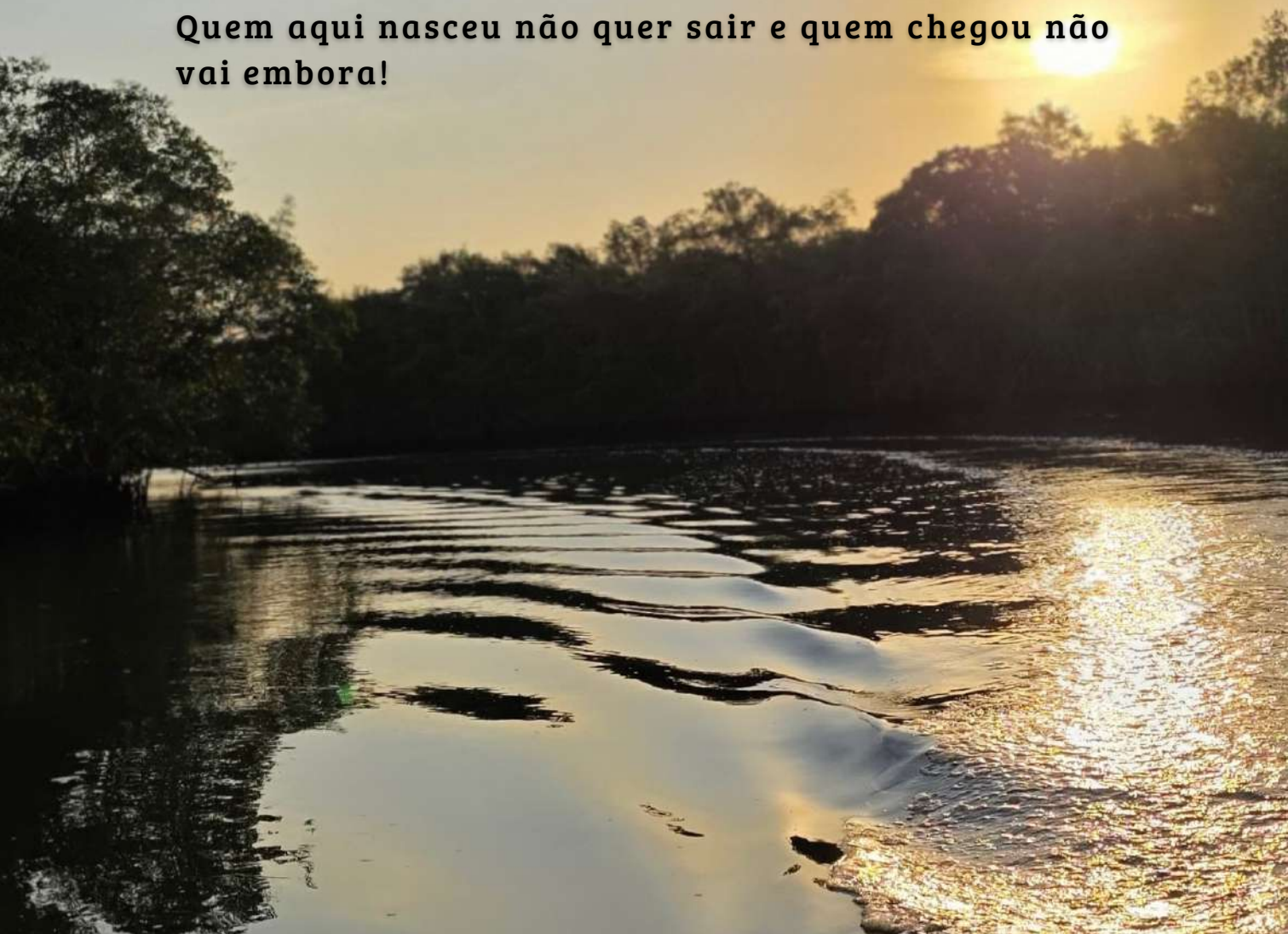
Diz a lenda...  
que tinha um homem que na lua cheia virava  
lobisomem.

“Os moradores mais antigos diziam que um  
homem, em noites de lua cheia, virava  
Lobisomem. Viam o vulto dele caminhando pela  
Ilha, meio homem, meio lobo.”



**As assombrações se foram, ficaram apenas nas histórias e nas memórias de quem viu ou ouviu sobre.**

**Quem aqui nasceu não quer sair e quem chegou não vai embora!**



**A cada encontro um olhar, uma narrativa, cada qual com sua história no entrelaço com as da Ilha, da saudade dos que já partiram e da certeza de que ainda há muito para se fazer. São conquistas, desafios, lendas e a história que continua!**



